

# *Upgrade do Macaco e Metagrafismo: artistas reunidos em busca de uma visualidade não dogmática*

---

BIANCA KNAAK E LUIZA ABRANTES

Bianca é professora e pesquisadora do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é licenciada em Educação Artística – Artes Plásticas pelo Centro Universitário Feevale (1994) e, junto à UFRGS, obteve os títulos de doutora em História (IFCH, 2008) e mestre em História, Teoria e Crítica da Arte (IA, 1997). Atualmente, estuda principalmente as relações sistêmicas da arte brasileira contemporânea.

Luiza é licenciada em Artes Visuais pela UFRGS. Desenvolveu como Trabalho de Conclusão de Curso uma pesquisa acerca dos coletivos de artistas Upgrade do Macaco e Metagrafismo. Atualmente realiza Mestrado em História, Teoria e Crítica de Arte na mesma universidade.

## RESUMO

**No início dos anos 2000, grupos formados por jovens artistas movimentaram a cena urbana de Porto Alegre, como o Upgrade do Macaco, não mais em atividade e o Metagrafismo, que segue atuante. Propomos a investigação desses grupos enquanto caleidoscópios de referências multiculturais e sua busca por uma visualidade não dogmática.**

Palavras-chave: Palavra chave 1, Palavra chave 2, Palavra chave 3, Palavra chave 4, Palavra chave 5.

## ABSTRACT

**In the early 2000s groups formed by young artists moved the urban scene in Porto Alegre like such as Upgrade do Macaco and Metagrafismo. We propose the investigation of these groups as kaleidoscopes of open multicultural references as well as the collective and urban character of both, in search of a non-dogmatic visuality.**

Keywords: Upgrade do Macaco. Metagrafism. Artist collectives.

1.

É sabido que desde as vanguardas artísticas do século XX, quando os ismos favoreciam uma identidade de grupo à junção de artistas, até os dias que correm, inclusive no anseio de divulgar e reverberar suas produções artísticas para efetivamente adentrar o sistema das artes, criar um grupo, com nome e proposições declaradas tem sido uma estratégia usual de alguns artistas. Embora existam diferenças entre as duas nomenclaturas, nosso artigo não tem por objetivo abordar tais questões de conceitualização. Por isso usaremos ao longo do texto grupos ou coletivos, simplesmente.

Destacaremos neste artigo dois grupos<sup>1</sup> que, embora sejam distintos estilisticamente, por assim dizer, não podem ser desassociados artisticamente: o Upgrade do Macaco, formado em Porto Alegre em meados de 2003 e não mais em atividade, e o ainda atuante Metagrafismo, surgido após a mudança de alguns integrantes do Upgrade do Macaco para a cidade de São Paulo, entre 2008 e 2009. E importa aqui frisarmos que o primeiro grupo não precisou terminar para que o segundo fosse inaugurado e, como em ambos os casos, não há registros de datas precisas, para o texto que segue nos apoiamos em conversas com os artistas e publicações dos próprios coletivos. Nosso objetivo principal neste texto é, sucintamente, apresentar e introduzir a experiência desses grupos em Porto Alegre para subsidiar reflexões ulteriores mais enraizadas nos aportes teóricos que sustentam as análises sobre produção e exibição de arte contemporânea em espaços urbanos.

## UM COLETIVO ABERTO

O Upgrade do Macaco, autodenominado como “coletivo aberto”, foi atuante por volta de 2003 e 2008. Seus integrantes fizeram parte de uma significativa geração de jovens artistas que produziam em ateliês ou utilizavam o espaço urbano, sobretudo muros e fachadas públicas das ruas de Porto Alegre como suporte pictórico, trazendo referências da ilustração, da cultura skate e do grafite.

Definir quais artistas, de fato, integraram o Upgrade do Macaco pode ser uma tarefa vã, uma vez que se tratava de um grupo de amigos e agregados que, por afinidade, se reuniam e produziam trabalhos artísticos e de intervenção plástica urbana. Na tentativa de elencar seus nomes, recorreremos à apresentação oficial do Upgrade do Macaco em seu site. No site que não está mais disponível (cedido pelos integrantes do grupo para auxiliar nesta pesquisa), encontramos os artistas que podem ser considerados seus integrantes mais assíduos:

Guilherme Pilla e eu (Emerson Pingarilho) um dia expurgamos nossos demônios e decidimos ser nós mesmos nesse mundo de imitações de realidade. Por isso o encontro de Geraldo Tavares não foi nada mais que destino, a abertura da consciência na trindade. E na quaternidade alquímica dos seres surge em nossos caminhos Bruno Novelli, a abertura total do que chamamos 4D. Ampliar! Sempre ampliar! E na convergência de consciências se multiplicou com os amigos Ednilson Rosa (Tinico) e Carla Chibi. Da mesma maneira falamos com respeito e devoção de Luis Flavio (Tranpo) e Ale Marder<sup>2</sup>.

Não obstante, o Upgrade do Macaco não se torna um coletivo por ter produções realizadas em conjunto, mas pela junção programada das produções individuais, realizadas no ateliê de cada um dos integrantes, tanto numa mostra como quando utilizam as paredes do meio urbano como suporte. Assim, com a intenção de afirmar o grupo de amigos enquanto um coletivo, o Upgrade do Macaco voltou-se à criação de mecanismos identitários, como um manifesto, um logotipo (Figura 1) e, como fio condutor das proposições do grupo, a *Universidade Autoindicada por Entidades Livres*<sup>3</sup>. Na prática, o que eles chamaram de *Universidade Autoindicada por Entidades Livres*<sup>4</sup> eram estudos e pesquisas diversas com as quais ampliavam o caráter independente da academia que o Upgrade buscava.

O *Manifesto do Upgrade do Macaco* traz de forma não linear e com texto denso, assinalado por quebras e interrupções, as referências e as ideias (ou ideais) do Upgrade. Com algumas alternâncias entre caixa baixa e alta, podemos dizer que o texto tem entonações que variam entre a afirmação acusativa, compulsiva e delirante:

O homem, esse babuíno aperfeiçoado, está se deteriorando em suas paixões e desejos simulados, é necessário para a sua sobrevivência um software, uma forma de não sucumbir na pobreza de sua cultura, de sua mendigagem. O upgrade do macaco. [...] Façamos agora o upgrade do macaco em nome de uma negação e uma revolução. Vamos negar uma identidade e um sentido claro para os objetos e ações do mundo, nada mais disso importa. NÃO QUE-

## 2.

No entanto, e considerando o caráter agregador do Upgrade do Macaco, também é preciso listar entre esses, os nomes de Stephan Doitschinoff, Mateus Grimm e Wagner Pinto. Artistas importantes ao grupo em determinados momentos.

## 3.

O termo deriva do conceito desenvolvido por Hakim Bey em seu livro *TAZ Zona Autônoma Temporária*, publicado no Brasil pela editora Conrad em 2001.



Figura 1 – *Logotipo Upgrade do Macaco*  
Bruno NOVELLI (gli)  
2004

REMOS SER NÚMEROS DOMINADOS MAS AUTÔNOMOS, o número de uma rua ou o número de pessoas com quem já se relacionou. Vamos revolucionar nosso cotidiano, sendo menos dogmáticos, menos indiferentes, menos dominadores (PINGARILHO, 2002).

Reverberar as ideias do grupo se mostrou uma das principais preocupações do Upgrade do Macaco e, justo por isso, criam um manifesto, um logotipo e um site. Mas uma das estratégias mais pontuais do grupo para exibição de suas obras foi, sem dúvida, a utilização do espaço urbano. Entretanto, procuramos não nomear ou compreender esses artistas como grafiteiros<sup>4</sup>. O Upgrade utilizou a rua como um dos meios para democratizar o acesso às suas produções – e para que estas fossem vistas por um maior número de pessoas –, embora poucas mudanças formais ocorressem entre os trabalhos expostos em galerias e os expostos no concreto urbano de viadutos, muros e fachadas.

4.

Com exceção de Luis Flavio Trampo, para quem a rua é, de fato, seu principal suporte.

REVERBERAR, EXPANDIR, BUSCAR

Sendo as produções do Upgrade do Macaco mais ligadas ao desenho e à pintura, cada artista integrante, no momento que estendia seus trabalhos ao espaço urbano de Porto Alegre, onde residiam todos, *inventava* uma forma de adaptar seu trabalho à linguagem da arte de rua. Se para Bruno Novelli (9li) e Emerson Pingarilho o lambe-lambe (colagem de cartazes) foi amplamente utilizado, para Tinico Rosa e Carla Barth o sticker foi a técnica mais usual. Geraldo Tavares, por seu turno, empunhou rolinho e tinta e, de forma massiva, preencheu a cidade com uma releitura da Virgem Maria, a Nossa Senhora da Consciência Alterada (Figura 2).



Figura 2 – *Nossa Senhora da Consciência Alterada*  
 Geraldo TAVARES  
 Tinta latex sobre parede de viaduto em Porto Alegre  
 Registro de intervenção, s/ data

O caráter coletivo dava-se pela junção de peças produzidas individualmente, previamente produzidas ou pintadas diretamente nas paredes ou tapumes, mais uma vez reforçando influências do modo de fazer do *grafitti*, como a espontaneidade, a ação de intervir em bando e, sempre pre-

sente, o caráter marginal dessas investidas.

Expandindo o desenho e a pintura até outras mídias, o grupo também realizou vídeos de curta duração, que transitavam entre a videoarte, a *performance* e a vinheta comercial. Encontrados no site do Upgrade, os quatro vídeos realizados tinham duração de pouco mais de um minuto e traziam referências às religiões afro-brasileiras e seus rituais, inseridas em um cenário urbano. No final de cada vídeo, aparece, sempre, a palavra *busca*.

*Busca*, além de ser um termo amplamente utilizado pelo grupo, quase como um bordão, também era o nome da revista de arte criada e executada pelo coletivo. Com três edições (a primeira impressa, financiada em parte pelos integrantes do Upgrade e pela Prefeitura de Porto Alegre, e as duas últimas disponíveis apenas na rede), *Busca* trazia entrevistas, textos de autoria dos integrantes do Upgrade e, principalmente, imagens. Com o foco mais diretamente voltado à arte de rua, a revista fomentava a discussão e a circulação do que se produzia numa cena muitas vezes desconectada da maior parte das publicações em arte.

## PARA ALÉM DOS PARADIGMAS

A inserção do grupo nos circuitos institucionais da arte local não demorou a chegar. Fato a ser creditado a toda uma nova geração de jovens artistas que, conectados por redes de relacionamento e compartilhamento da internet, contribuiriam para a circulação e a assimilação cultural de seus trabalhos, dentro e fora de Porto Alegre. O coletivo participou de mostras em galerias como a Choque Cultural e a Galeria Adesivo, além da mostra *TRANSFER\_cultura urbana. Arte contemporânea. transferências. transformações* no Santander Cultural (Porto Alegre, julho a setembro de 2008), atraindo a atenção da imprensa e gerando interesse em diferentes contextos. Certa vez, ao ser questionado a respeito do possível caráter político e social do Upgrade do Macaco, 9li respondeu que o coletivo tinha sim, “uma preocupação social”, pois, segundo ele, “só em trabalhar na rua, com o aspecto do gratuito, já é social.”(sic)<sup>5</sup>

### 5.

Bruno 9li em entrevista para a revista Dana. Disponível em: [http://www.dana2.com.br/social/canal\\_dana.asp?idTag=454&idProjeto=578](http://www.dana2.com.br/social/canal_dana.asp?idTag=454&idProjeto=578) Acesso em: 2 mar. 2012.

Mas é preciso ir mais adiante nessa abordagem. A experiência do Upgrade do Macaco pode ser uma iniciativa um tanto banalizada, mas é potente ao levantar a urgência de se registrar e refletir sobre a produção feita nas ruas naquela época. E, ainda hoje, é comum considerar que tomar o espaço da rua (no caso do Upgrade em especial como se fossem paredes de galerias e museus) para expor a produção do coletivo à vista dos olhos de todos não deixa de ter sua contribuição no campo social. Seria possível, no entanto, uma forma de abordá-la, absorvê-la, vê-la, enfim, para além dos paradigmas reducionistas do proibido, do marginal, do protesto? Cabe destacar que as temáticas utilizadas nessas aparições na cena urbana, mesclando temas como religião, cultura popular, folclore, cultura pop, cultura skate e ilustração de toda ordem, são um caleidoscópio de referências assumidas e em proporções e posições igualitárias na produção de todos integrante do Upgrade do Macaco e continuaram com alguns integrantes do Metagrafismo.

No Metagrafismo, tais aspectos também permanecem, entretanto ganham roupagens mais místicas e, talvez, mais ocultas. Sendo um grupo mais fechado, do qual fazem parte apenas Emerson Pingarilho, Bruno 9li e Wagner Pinto, o coletivo não produz em conjunto, mas, como na época do Upgrade, também cria métodos de sedimentação de identidade. Dando continuidade à *Universidade Autoindicada*, fundada e difundida no âmbito do Upgrade do Macaco, os três artistas começam uma pesquisa para além da história da arte ou modos de fazer em pintura ou desenho. Adentram em leituras como Aristóteles e suas teorias sobre metafísica. Teorias de Jung sobre os mistérios do céu e a alquimia instigam os três artistas que buscam a visualização do intangível. Os rituais de religiões afro-brasileiras continuam assumindo referencial assim como as pinturas corporais dos índios da Amazônia, o que eles chamam de *corpográficos*. Assim (como o Upgrade), os metagrafistas também criaram um manifesto que, apesar das pinceladas oníricas, traz de forma mais direta o que é o Metagrafismo, deixando de lado o tom impositivo e acusativo do manifesto anterior. Em *Documental 01: Metagrafismo*<sup>6</sup>, a certa altura Pingarilho explica:

6.

Documentário produzido pela Galeria LOGO em 2012.

O simbolismo brasileiro acarreta uma série de significados que nunca são compreendidos totalmente de uma só maneira e acho que é isso que a gente tenta mostrar no Metagrafismo. Tivemos que experimentar muitas coisas para realmente entender que a pintura metagrafista tinha uma autoconsciência. É tudo dentro de um simbolismo brasileiro que está sendo construído desde o descobrimento.

O nome do grupo surge após uma exposição individual de 9li na Anno Domini Gallery, na Califórnia (EUA), em 2008, denominada *Meta*. Embora os artistas não produzam juntos, têm afinidades formais e vínculos de amizade. Eles perceberam que as produções individuais estavam sendo influenciadas mutuamente. Após a mostra de 9li, fundaram o então conceito de Metagrafismo que nortearia o grupo. De forma simplificada, segundo seus integrantes, trata-se da junção do prefixo *meta*, de metafísica, e *grafismo*. Então esse significado *além do grafismo* inclui não só design, o gráfico, como também desenhos corporais, grafismos corpóreos, simbologias religiosas e alquímicas com todas as possíveis referências, variantes e conotações daí advindas.

#### EM BUSCA DE UMA VISUALIDADE NÃO DOGMÁTICA

Se no Upgrade do Macaco, Pingarilho e 9li já introduziam em seus desenhos e pinturas o que eles chamam de estado emaranhado (Figura 3), no Metagrafismo esses grafismos ganham maior precisão e se tornam um elemento da composição, não mais um preenchimento de espaço em branco (Figura 4). Na produção de Wagner Pinto (Figura 5), no momento em que incorpora elementos e simbologias de religiões como o Candomblé, ou aquelas vinculadas ao Santo Daime, ele enfatiza o caráter curioso que tais elementos geram para os metagrafistas.

Na segunda edição da mostra Transfer7, na qual havia a secção de artistas intitulados Autoindicados (que contava com alguns artistas do Upgrade do Macaco, do Metagrafismo e outros), Pingarilho assina o texto de apresentação. No catálogo, ele enfatiza ideias presentes no manifesto do Metagrafismo e apresenta as referências que conectam cada



Figura 3 – Alva  
Bruno NOVELLI (9li)  
Tinta sobre papel, 42 x 29,7cm  
2005

artista:

O efeito das imagens captadas em grandes observatórios, os novos conceitos da física quântica e o fato de estarmos vivendo o mito das luzes vistas no céu só poderiam eclodir de forma visionária na produção atual de jovens artistas brasileiros. [...] O conceito de emaranhado quântico na física nos últimos anos e a simultaneidade se manifestando de forma gráfica e imagética em grandes centros urbanos, a ficção científica se aproximando do cotidiano. O desconhecido, sutil, está presente no conceito idolatrado pelo skatista, na fumaça do caminhão e na mente do autoindicado. Estamos todos conectados por teias invisíveis – os emaranhados – como irmãos visionários, cada um na sua nave (PINGARILHO, 2011, p. 28).

Essa junção entre o tangível e o intangível, entre o visível e o oculto, faz parte desta dicotomia presente desde as produções no Upgrade do Macaco. O que nos cerca, de modo



Figura 4 – *Valem ou vá além*  
Emerson PINGARILHO  
Acrílica sobre tela, 170 x 118 cm  
2011

bastante amplo, faz parte do DNA visual dos metagrafistas. Os três artistas hoje residem em São Paulo, e a cidade, envolta por concreto armado impregnado, de cima a baixo, por intervenções de grafiteiros e pichadores não poderia estar de fora do repertório visual do Metagrafismo. Em suas produções materializa-se, por um lado, o cinza e a poluição, o som dos carros e o caos cotidiano da metrópole. Por outro, e com a mesma intensidade e importância, a presença da religião, das crenças, que embora subjetivas, se apresentam visualmente, plástica e formalmente; assumem formas simbólicas, de seres fictícios, em paisagens que são atravessadas por coloridos feixes gráficos.

A variação de mídias, desde o Upgrade do Macaco, quando o trabalho migrava da rua para a galeria e para a web (ou no sentido inverso), e também no Metagrafismo, em que a pintura ganha movimento em vídeos perturbadores, exige que visitemos tais produções de forma ampliada e descon-taminada por predisposições conceituais. Por isso não nos coube aqui defini-los, nem enquadrá-los analiticamente enquanto grafiteiros, pintores ou performers. Suas refe-rências engolem o erudito e o popular, suas mídias também transitam entre a anomia, a marginalidade, a tradição e as mídias previamente nomeadas. Nos dois coletivos, tambor-es, orixás, cruzeiros, cânticos, máscaras e rituais entram em comunhão com o pixo reto e o caos da metrópole. É uma antropofagia dos dias atuais em busca de uma visualidade não dogmática encaminhada por proposições artísticas co-letivas em busca de diálogos. Ou não?



Figura 5 – *Sem título*  
 Wagner PINTO  
 Acrílico e grafite sobre tela, 100 x 210 cm  
 2001

## Referências

ALBUQUERQUE, Fernanda Carvalho de. *Troca, soma de esforços, atitude crítica e proposição: uma reflexão sobre os coletivos de artistas no Brasil (1995 a 2005)*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <[http://sabi.ufrgs.br/F/QXG6ARXJ44C43I7Y7VFBR6RVRGCM4P3IU-65428GFSABA2SJJAK-13871?func=full-set-set&set\\_number=056286&set\\_entry=000017&format=999](http://sabi.ufrgs.br/F/QXG6ARXJ44C43I7Y7VFBR6RVRGCM4P3IU-65428GFSABA2SJJAK-13871?func=full-set-set&set_number=056286&set_entry=000017&format=999)>. Acesso em: 3 maio 2012.

COLETIVO Upgrade do Macaco lança revista de arte. Disponível em: <<http://diversao.terra.com.br/interna/0,,OI-502666-EI3459,00.html>>. Acesso em: 14 mar. 2012.

DANELUZ, Clarissa Rita; SILVEIRA, Fabrício Lopes da. *Imagens fora de lugar: Comunicação e arte no grafite de Bruno Novelli*. In: BORELLI, Silvia H. S.; FREITAS, Ricardo Ferreira (Org.). *Comunicação, Narrativas e Culturas Urbanas*. São Paulo: EDUC, 2009. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/pagina.php?menu=8&mmenu=0&fcodigo=1122>>. Acesso em: 6 jul. 2012.

FARINA, Camila Thormann. *Estratégias publicitárias na arte urbana do Upgrade do Macaco*. Porto Alegre: Projeto de Graduação em Publicidade e Propaganda/ ESPM, 2004.

GRAÇA, Luiza Abrantes da. *Segue a busca: experiências artísticas coletivas do Upgrade do Macaco ao Metagrafismo*. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <[http://sabi.ufrgs.br/F/QXG6ARXJ44C43I7Y7VFBR6RVRGCM4P3IU65428GFSABA2SJJAK-08261?func=find-b&request=luiza+abrantes&-find\\_code=WAU&adjacent=N&filter\\_code\\_2=WLN&filter\\_request\\_2=&filter\\_code\\_3=WYR&filter\\_request\\_3=&filter\\_code\\_4=WYR&filter\\_request\\_4=&x=32&y=8](http://sabi.ufrgs.br/F/QXG6ARXJ44C43I7Y7VFBR6RVRGCM4P3IU65428GFSABA2SJJAK-08261?func=find-b&request=luiza+abrantes&-find_code=WAU&adjacent=N&filter_code_2=WLN&filter_request_2=&filter_code_3=WYR&filter_request_3=&filter_code_4=WYR&filter_request_4=&x=32&y=8)>. Acesso em: 19 nov. 2013.

PAIM, Claudia Teixeira. *Coletivos e iniciativas coletivas: modos de fazer na América Latina contemporânea*. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <[http://sabi.ufrgs.br/F/QXG6ARXJ44C43I7Y7VFBR6RVRGCM4P3IU-65428GFSABA2SJJAK-11121?func=full-set-set&set\\_number=056280&set\\_entry=000020&format=999](http://sabi.ufrgs.br/F/QXG6ARXJ44C43I7Y7VFBR6RVRGCM4P3IU-65428GFSABA2SJJAK-11121?func=full-set-set&set_number=056280&set_entry=000020&format=999)>. Acesso em: 26 out. 2012.

RIBEIRO, Lucas. A imagem do movimento. In: CATÁLOGO TRANSFER. São Paulo: Editora ZY, 2011.

PINGARILHO, Emerson. Sobre a universidade autoindicada por entidades livres. In: CATÁLOGO TRANSFER. São Paulo: Editora ZY, 2011.

\_\_\_\_\_. Vídeo Documental 01: Metagrafismo. São Paulo, 2012.

Sites:

<http://aural.com.br/>

<http://www.bruno9li.com/>

<http://www.fotolog.com/galeriaadesivo>

<http://www.fotolog.com/tinico>

<http://www.upgradedomacaco.com.br>

<http://www.wagnerpinto.com/>